

## A SEMANA – 97

John Gledson

Esta crônica, começando por uma ironia habitual sobre a futilidade e a preguiça do Conselho Municipal e, em particular, sobre os longos e pedantes discursos do sr. Capelli, logo sai para um assunto muito do jeito do cronista. Machado era conservador no sentido de acreditar que as coisas não mudam assim tão rapidamente, e muito cético em relação às correntes filosóficas que acreditavam no progresso inevitável. Preferia até as antigas denominações das ruas (do Sabão, do Cano etc.), por mais simples ou primitivas que parecessem. Quatro das figuras que aparecem no penúltimo parágrafo – Messalina, Suetônio, Lucrecia Bórgia e Gregorovius – já se encontraram juntas no cap. IV de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p. 127-130.



## A SEMANA

1º de abril de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Enfim! Vai entrar em discussão no Conselho Municipal o projeto que ali apresentou o Sr. Dr. Capelli, sobre higiene.<sup>1</sup> Ainda assim, foi preciso que o autor o pedisse, anteontem. Já tenho lido que o conselho trabalha pouco, mas não aceito em absoluto esta afirmação. Conselho Municipal ou Câmara Municipal, a instituição que dirige os serviços da nossa velha e boa cidade, foi sempre objeto de censuras, às vezes com razão, outras sem ela, como aliás acontece a todas as instituições humanas.

Trabalhe pouco ou muito, é de estimar que traga para a discussão o projeto do Sr. Dr. Capelli. Se ele não resolve totalmente a questão higiênica (nem a isso se propõe) pode muito bem resolvê-la em parte. Não entro no exame dos seus diversos artigos; basta-me o primeiro. O primeiro artigo estabelece concurso para a nomeação dos comissários de higiene, que se chamarão de ora avante inspetores sanitários.

É discutível a ideia do concurso. Não me parece claro que melhore o serviço, e pode não passar de simples ilusão. O artigo, porém, dispõe, como ficou dito, que os comissários de higiene se chamem de ora avante inspetores sanitários, e essa troca de um nome por outro é meio caminho andado para a solução. Os nomes velhos ou gastos tornam caducas as instituições. Não se melhora verdadeiramente um serviço deixando o mesmo nome aos seus oficiais. É do Evangelho, que não se põe remendo novo em pano velho.<sup>2</sup> O pano aqui é a denominação. O próprio Conselho Municipal tem em si um exemplo do que levo dito. Câmara Municipal não era mau nome, tinha até um ar democrático; mas estava puído. O nome criou a personagem da coisa, e a má fama levou consigo a obra e o título. Conselho Municipal, sendo nome diverso, exprime a mesma ideia democrática, é bom e é novo.

---

<sup>1</sup> Para o dr. Capelli, ver a crônica de 21 de janeiro, nota 5. A *Gazeta*, falando da reunião de 30 de março, limita-se a dizer que ele “fez longas considerações acerca da salubridade pública e medidas imprescindíveis de higiene que, a seu ver, devem ser urgentemente adotadas.” Frequentemente, o Conselho Municipal (nome dado pelo novo regime) não tinha sessão por falta de quórum.

<sup>2</sup> Mateus 9:17.

Outro exemplo, e de fora. Sabe-se que a câmara dos lordes está arriscada a descambar no ocaso, ou a ver-se muito diminuída.<sup>3</sup> Não duvido que os seus últimos atos tenham dado lugar à guerra que lhe movem, com o próprio chefe do governo à frente, se é certo o que nos disse há pouco um telegrama. Mas quem sabe se, trocando oportunamente o título, não teria ela desviado o golpe iminente, embora ficasse a mesma coisa, ou quase?

Conta-se de um homem (creio que já referi esta anedota)<sup>4</sup> que não podia achar bons copeiros. De dois em dois meses, mandava embora o que tinha, e contratava outro. Ao cabo de alguns anos chegou ao desespero; descobriu, porém, um meio com que resolveu a dificuldade. O copeiro que o servia então, chamava-se José. Chegando o momento de substituí-lo, pagou-lhe o aluguel, e disse:

– José, tu agora chamas-te Joaquim. Vai pôr o almoço, que são horas.

Dois meses depois, reconheceu que o copeiro voltara a ser insuportável. Fez-lhe as contas, e concluiu:

– Joaquim, tu passas agora a chamar-te André. Vai lá para dentro.

Fê-lo João, fê-lo Manuel, fê-lo Marcos, fê-lo Rodrigo, percorreu toda a onomástica latina, grega, judaica, anglo-saxônia, conseguindo ter sempre o mesmo ruim criado, sem andar a buscá-lo por essas ruas. Entendamo-nos: eu creio que a ruindade desaparecia com a investidura do nome, e voltava quando este principiava a envelhecer. Pode ser também que não fosse assim, e que a simples novidade do nome trouxesse ao amo a ilusão da melhoria. De um ou de outro modo, a influência dos nomes é certa.

Por exemplo, quem ignora a vida nova que trouxe ao ensino da infância a troca daquela velha tabuleta “Colégio de Meninos” por esta outra “Externato de instrução primária”? Concordo que o aspecto científico da segunda forma tenha parte no resultado; antes dele, porém, há o efeito misterioso da simples mudança. Mas eu vou mais longe.

Vou tão longe, que ousa crer nas reabilitações históricas, unicamente ou quase unicamente pela alteração do nome das pessoas. O atual processo para esses trabalhos é rever os documentos, avaliar as opiniões, e contar os fatos, comparar, retificar, excluir, incluir, concluir. Todo esse trabalho é inútil, se se não trocar o nome por outro. Messalina, por exemplo.<sup>5</sup> Esta imperatriz chegou à celebridade do substantivo, que é a

---

<sup>3</sup> A Câmara dos Lordes tinha desafiado os Comuns ao bloquear o projeto para a “Home Rule” (autonomia) irlandesa, promovido pelo chefe do partido Liberal, Gladstone. Como tem acontecido bastantes vezes nos últimos 150 anos, isto levou a ameaças de usar os poderes dos Comuns, e da Coroa, para forçar a anuência. Como também tem acontecido frequentemente, isto não aconteceu, e o projeto não foi adiante. Não encontrei o telegrama que Machado menciona.

<sup>4</sup> Não localizei esta ocorrência anterior da mesma história, embora tenha a quase certeza que a li em algum lugar.

<sup>5</sup> Terceira mulher do imperador Cláudio, famosa por sua devassidão: tomou vários amantes, até que decidiu “casar” com um deles, e o imperador foi persuadido a condená-la à morte. É curioso que Suetônio, normalmente o mais fofoqueiro dos historiadores romanos, a mencione relativamente pouco; menos que Tácito, por exemplo, que dedica um capítulo inteiro dos *Anais* a ela. Mas Suetônio é o preferido de Machado.

maior a que pode aspirar uma criatura real ou fingida: uma messalina, um tartufo. Se quiserdes tirá-la da lama histórica, em que ela caiu, não vos bastará esgravatar o que disseram dela os autores; arrancai-lhe violentamente o nome. Chamai-lhe Anastácia. Quereis fazer uma experiência? Pegai em Suetônio e lede com o nome de Anastácia tudo o que ele refere de Messalina; é outra coisa. O asco diminui, o horror afrouxa, o escândalo desaparece, e a figura emerge, não digo para o céu, mas para uma colina. Em história, o ocupar uma colina é alguma coisa. Gregorovius, como outros autores deste século, quis reabilitar Lucrecia Bórgia;<sup>6</sup> acho que o fez, mas esqueceu-se de lhe mudar o nome, e toda gente continua a descompô-la em prosa com Victor Hugo, ou em verso e por música com Donizetti.

Voltando aos comissários de higiene, futuros inspetores sanitários, repito que o serviço melhorará muito com essa alteração do título, e não é pouco. Mas é preciso que, sem dizê-lo na lei, nem no parecer, nem nos debates, fiquem todos combinados em alterar periodicamente o título, desde que o serviço precise reforma. Não me compete lembrar outros, nem me ocorre nenhum. Digo só que, passados mais quatro ou cinco títulos, não será má política voltar ao primeiro. Os nomes têm, às vezes, a propriedade de criar pele nova, só com o desuso ou descanso. Comissário de higiene, que vai ser descalçado agora, desde que repouse alguns anos, ficará com sola nova e tacão direito. Assim acontecesse aos meus sapatos!



---

<sup>6</sup> Ferdinand Gregorovius (1821-1891), historiador alemão, que no seu *Lucrezia Borgia* (1874) desmentiu muitas das acusações contra Lucrecia Bórgia (1480-1519), filha do papa Alexandre VI. Victor Hugo (1802-85) escreveu uma peça, *Lucrece Borgia* (1833), em que ela se apaixona por seu próprio filho ilegítimo, que acaba matando-a. A ópera de Donizetti, *Lucrezia Borgia*, é do mesmo ano, e baseia-se na peça de Hugo.